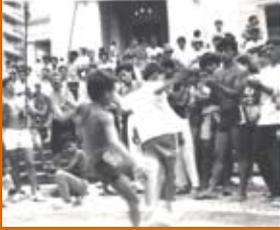


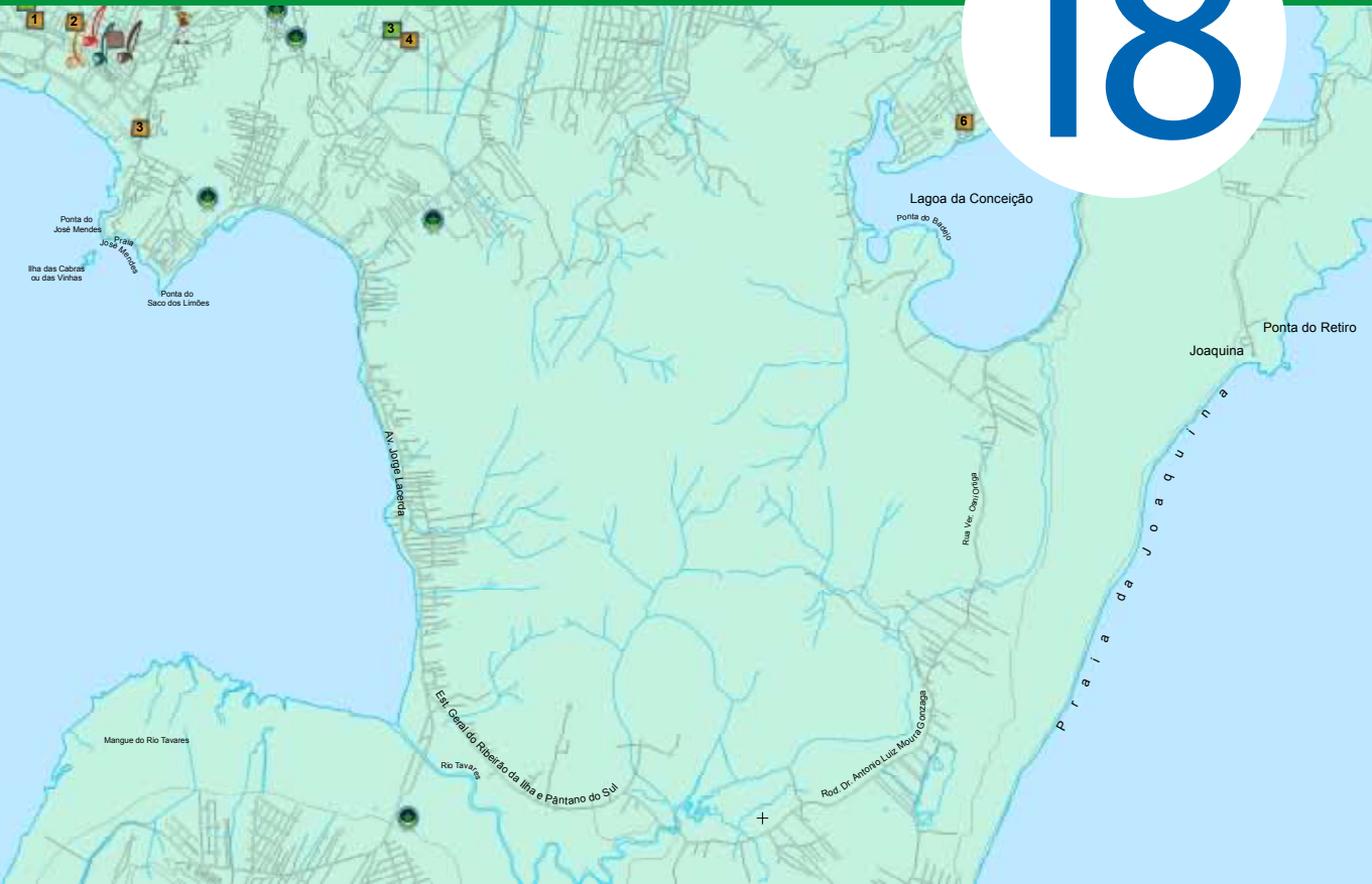
Central Catarinense de Capoeira Angola



Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Capoeira da Ilha Florianópolis, Ilha de Santa Catarina

18





Oficinas de Mapas: 1º encontro, ago 2009
atrás: Gão, Jimmy Val, Adão, Danuza, Bagé e Pinóquio; frente: Dudu, Liziane e Jô



Oficinas de Mapas: 4º encontro, out 2009
da esquerda: Bagé, Jimmy Val, Danuza, Jô, Desenho, Sid e Dudu

FOTO ERIKA NAKAZONO

Participantes das oficinas de cartografia social e depoimentos:

Angola Palmares: Danuza Meneghello, Fábio Machado Pinto (Bagé), Joseane Pinho Corrêa (Jô), Leandro Acordi (Desenho), Miguel Horácio Adão – Contra-Mestre (Adão), Sidmar Marques Dias, Valmir Ari Brito (Jimmy Wall), Wilson R. A. Colunga – Mestre (Calunga); **Aú Capoeira:** Lourival Fernando A. Leite – Meste (Pop); **Quilombola:** Fabiano Luiz Machado, João Luiz Oliveira (Gao), Luiz Eduardo Batista Pereira, Miguel N. Cardoso, Valdemiro Pereira Filho – Mestre (Pinóquio)

Central Catarinense de Capoeira Angola

Presidente Joseane P. Corrêa
Vice presidente Valdemiro P. Filho
Secretário Miguel N. Cardoso
Tesoureira Danuza Meneghello
Conselho Fiscal Luiz E. B. Pereira, Douglas Martins,
Wilson R. A. Colunga

Associação Cultural de Capoeira Ajagunã de Palmares

Associação Cultural Ilha de Palmares

Grupo de Capoeira Angola Palmares

Associação Cultural Capoeira Quilombola

Coordenador do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(NSCA-CESTU/UEA, PPGAS/UFAM, CNPq)

Equipe de Pesquisa

Erika Matsuno Nakazono (NSCA-CESTU/UEA)
Rosa elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA, UNAMAZ)
Raquel Mombelli (NUER)

Edição

Erika Matsuno Nakazono

Cartografia e Mapas

Luís Augusto Pereira Lima (NSCA-CESTU/UEA)

Projeto gráfico e editoração

Ernandes Fernandes/DESIGN CASA 8

CONTATOS

Central Catarinense de Capoeira Angola
centraldecapoeira@yahoo.com.br
telefone 48. 8412-5266

Associação Cultural Capoeira Quilombola
capoeira.mestrepinoquio@iol.pt

Associação Cultural Ilha de Palmares
www.ilhadepalmares.com.br
telefone 48. 9982-8074 – Mestre Calunga

Grupo Capoeira Angola Palmares
palmarescatarinense@googlegroups.com

N935 Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Capoeira da Ilha / Município de Florianópolis / Coordenador: Alfredo Wagner Berno de Almeida / Autores: Erika M. Nakazono, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Raquel Mombelli... [et a.]. – Manaus : Edições UEA, 2010

12 p. : il. ; 25cm. (Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil ; 18)
ISBN 978-85-7883-164-6

1. Expressões Culturais – Santa Catarina I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Nakazono, Erika M. III. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo IV Mombelli, Raquel V. Série

CDU 301.185.2(816.41)

O que é Capoeira?

“Acho que a capoeira ela é resultado de um processo histórico e com características muito próprias da formação, da cultura e da política brasileira, dadas características de sua colonização, acho que a capoeira emerge de uma realidade única no mundo.” **Pop**

“E a capoeira que foi forjada aqui, pelos nossos antepassados, que culminou em tudo isso, a capoeira é o que na verdade? É a nossa identidade, nossa cultura. (...) A capoeira é embate ao sistema, a escravidão tá aí... ela não acabou, mudaram o cenário... não tem mais chibata, mas tem! O cara recebe o salário no final do mês mal dá pra pagar o porão. (...) Ser capoeirista é ser do contra, é literalmente do contra, aquilo que tá ali já montado, pra nos fazer calar e não ter vez e nem voz.” **Pinóquio**

“O que é a capoeira hoje e para que há a capoeira hoje? (...) Defini-la como luta, como arte, como cultura, mas ela é um pouco mais do que tudo isso (...). É um processo para o auto-conhecimento? É uma fórmula e um instrumento de emancipação política e social? É um instrumento para afirmação, de algum processo de discriminação, ou de preconceito? Ela pode ser tudo isso também... A capoeira pra mim é um instrumento pra nos lapidar, lapidação, e aí ela é um instrumento revelador.” **Pop**

“Porque as pessoas confundem, porque é luta, mas você luta diariamente, você luta pelo seu emprego, luta contra uma doença grave, você luta na sua relação com seu namorado, com seu marido, é uma luta constante e a Capoeira te prepara pra isso, o meu mestre sempre fala que você aprende a jogar na roda pra lutar na vida, esse fundamento do jogo, do perder, levar rasteira e levantar, pra poder brigar aqui fora, fora da roda, a capoeira tem esse fundamento.” **Jimmy Wall**

“Seria um sinônimo, capoeirista e capoeira. O que tem de diferença é quem é praticante de capoeira que só tá fazendo aula, tá iniciando na capoeira e quem realmente é capoeirista que leva a capoeira pra vida mesmo, o que vive de capoeira, sempre na função, ser capoeira do tempo, tu vê a vida pelo viés da capoeira. (...) Capoeirista é quem aprendeu a capoeira e ficou na capoeira.” **Jô**

“O capoeira joga o jogo da capoeira, o sujeito capoeira é muito mais que um praticante e mais amplo que o capoeirista. Ele é ao mesmo tempo o jogador e o jogo. Por isso é tão difícil nos compreendermos distantes da capoeira, pois somos os e as capoeiras.” **Desenho**

“A minha causa na capoeira, qual o meu primeiro compromisso: o primeiro é com o processo de inclusão educacional (...). E o segundo objetivo meu, que faz com que eu permaneça mesmo na capoeira, é a identidade afro-brasileira que ela traz, que eu me identifiquei muito mais com a cultura africana através da capoeira, através das músicas, coisas que eu não tinha conhecimento fui aprender com a capoeira.” **Jimmy Wall**

“Tem o cara que vive, ele tem a capoeira como uma filosofia de vida, que é o meu caso... Eu consegui enxergar a minha identidade, eu consegui me situar no mundo através da capoeira. Quando eu comecei a treinar, a conhecer outras pessoas, e a ler e a me instruir, pude perceber que toda história contada nas escolas são histórias contadas da perspectiva do opressor, são histórias fraudulentas, mentirosas, todas as historias, que são poucas que eu conheço, mas que até fui, li e conheci, começando pelo próprio vaticano que eram os próprios escravocratas (...). Acho que um dos papéis fundamentais da capoeira é isso, é dar caminho, é elucidar, porque o sistema nos faz tornar pobres, burros, ignorantes, escravos, e a capoeira não, a capoeira diz que tu tens uma força, tu tens um espírito, tens uma arte, tu és gente.” **Pinóquio**

“Hoje no caso a capoeira pra mim... Eu trabalho com criança, ela trabalha muito com a auto-estima, eu percebo que as pessoas têm muito medo, esse medo foi passado pra gente, imagina o quanto essas pessoas não sofreram... Então a gente tem que se libertar disso mesmo, e a

capoeira, a primeira coisa que ela faz com o indivíduo, depois que conquista ele, é perder esse medo, a gente não tem mais medo das coisas. O capoeirista é até uma pessoa muito corajosa, então isso é uma das coisas mais gratificantes assim que eu vejo pra quem trabalha com auto-estima com a criançada. Ser capoeirista é compreender que do jeito que foi tratado, as próprias entidades, os antepassados, discriminação racial, sofrimento, nada mudou, a gente sabe que ta aí, que continua, ele só muda mesmo as estratégias cada vez mais pra conseguir as pessoas. Então o capoeira tem que ser desconfiado mesmo, cada vez mais.” **Adão**

“Eu acho que quem consegue se encontrar na capoeira, ele nasce pro novo mundo (...). Você nascendo o que vai acontecer? Tudo aquilo que você perdeu, que achava que tinha perdido, nada! Foi substituído por coisa melhor, que realmente é pra você e você é capaz de viver dentro daquele mundo sem passar a ser submisso, sem passar ser autoritário, mas andar dentro do que é permitido... Então nada é perdido, a capoeira ensina que você não perdeu, só aprendeu a viver.” **Gão**

“Podemos dizer que o capoeira é aquele que foi e não tem como deixar de ter sido. Ele tem uma história reconhecida e conhecida por todos. Somos aqueles que organizamos a roda do mercado desde os anos 80, somos aqueles que escrevemos um manifesto contra o CREF nos anos 90, somos aqueles que organizamos batizados, encontros e festivais, somos aqueles que jogamos, brigamos ou amamos nas rodas tais e tais... Não dá para fugir de ter feito tanta coisa na e pela capoeira. Por isso somos o que fizemos. Entretanto, isso que fizemos contamina o presente que somos em cada uma de nossas atitudes e continuamos a fazer a capoeira e a nos fazer neste processo... agora, por exemplo, estamos fazendo um livreto sobre a nova cartografia.” **Bagé**

“Já foi vergonhoso andar com um berimbau na mão... Hoje é orgulho andar com o berimbau na mão, o capoeirista. Tu andas com um berimbau na mão no meio de uma multidão, já tens uma identidade, o capoeirista.” **Pinóquio**

“Capoeira é capoeira, mas os grupos de capoeira trabalham outras manifestações culturais de origem afro, o maculelê, a puxada de rede, outras danças populares, samba de roda, são presentes nos grupos, mas isso não é capoeira. Samba de roda é samba de roda, capoeira é capoeira, mas como a cultura é dinâmica e o povo inventa, tem gente que canta música de samba de roda em roda de capoeira, não tá certo e não tá errado entendeu?” **Jô**

A história e a construção da capoeira da ilha

“Capoeira na perspectiva ilhéu, pode se pensar mais ou menos por aí. Não dá para falar apenas em grupo, mas em movimento, algo que implica e valoriza as pessoas e suas ações no mundo. Mas, a gente não pode omitir, não mencionar, a existência desses grupos que fazem o movimento. Ajagunã, Quilombola e Ilha Palmares expressam essa identidade e constituem a nossa história. Esse movimento que se intitula ora angola ora nem angola e nem regional, ele transcende a tudo isso, mas não deixa de se posicionar frente à história.” **Bagé**

“Eu cheguei em 1977, sou de Campo Grande, MS, vim pra Camboriú inicialmente, trabalhar com artesanato... Em 76 eu chego na ilha, na Praça XV e ali eu fico convivendo com os artesãos da Praça XV e sempre com berimbau, tocando berimbau. Já no final de 76, início de 77, eu conheci um professor, o nome Nóbrega Fontes, ele era ligado à secretaria da cultura, Fundação Cultural (...). E ele que me convidou pra dar aula no Educandário 25 de Novembro, onde eu iniciei no dia 01 de agosto de 1977 pra prática de capoeira lá... A partir desse período, a gente ficou praticamente oito anos, 77 a 85, dando aula na FUCABEM. Mas aí nesse meio tempo eu abri a primeira academia de capoeira no estado... Era na rua Francisco Tolentino, perto do Mercado Público. (...) Paralelo a esse trabalho eu fundei a academia Berimbau de Ouro (1980) e depois eu montei o grupo Nação Capoeira. (...) Aí eu fiquei uns nove anos com o Nação quando eu fundei o Aú Capoeira.” **Pop**

“Comecei a praticar capoeira com Mestre Pop em 77 e em 80 comecei a ensinar. (...) Quando eu comecei o curso de extensão na universidade (UFSC) em 84, a capoeira de Florianópolis se resumia: o Pop ali na Wadokan e eu lá na universidade, mais nada. Porque era o que tinha na época, não tinha outra coisa, não tinha referência, qual era a nossa referência? Nossa referência era o Mestre Sergipe e o Burguês lá de Curitiba, lá em Porto Alegre era o Índio e o Cerqueira, e Mestre Corvão do Rio de Janeiro. Aí o que nós escutava? a música do Suassuna e o Caiçara. (...) Eu dava aula na universidade e no CIC, o Alemão chegou em 85 (...). Foi aí que eu ofereci pra ele o espaço lá na universidade, em 86. (...) A partir de 88 eu fui pra Palmares (de Mestre Nô).” **Calunga**

“Tem uma história aí, até o final dos anos 80, que é fundamental pra gente entender a identidade da capoeira da ilha, fundamental. A vinda do mestre Pop, o trabalho que ele inaugura, a chegada do Alemão, o Calunga trabalhando junto. E com a chegada do Alemão, todo esse movimento de trazer cabeças, mestres, espíritos, em carne e osso, vindo pra cá, fazer essa troca com a ilha, Nô, Ferreirinha, Bobó, João Pequeno, Curió, Bobó, enfim, uma série de mestres que estiveram por aqui. Isso aí é a substância, é a base, a essência da capoeira que a gente tem na ilha hoje.” **Bagé**

“Acho que o que mais influenciou essa capoeira foi à vinda dos mestres da Bahia, principalmente o Mestre Nô, que influenciou muito a nossa capoeira. (...) Essa passagem desses mestres por aqui, da gente não ter que ir à Bahia beber dessa fonte e sim a fonte foi trazida pra gente. Essa é uma diferença que foi um marco na capoeira da ilha. Um marco, porque a gente nunca ia imaginar que a Bahia vinha pra ilha, naqueles eventos da década de 80... Essa história do respeito aos mestres, aquelas figuras, nossa, que ficou assim na nossa memória...” **Jô**

“Se tu for pensar na vinda desses Mestres, Ferreirinha, do Bobó, do João Pequeno, Curió... Acho que tem essa coisa da Bahia e naquela época quando a gente inicia, não era nem uma preocupação nossa na verdade ficar dizendo eu sou regional, eu sou de angola, isso não era uma coisa... era capoeira entendeu? O que era a preocupação? Era o respeito aos mestres, era tradição que eles vinham trazendo, era porque era da Bahia, isso foi uma coisa muito importante pra nós, porque vieram através do Nô que já era, pra nós afinal, era o nosso mestre, tinha essa importância, o Nô tá trazendo. Era todo um fundamento que passava obviamente pelo instrumento, pelo ritmo, por uma bateria, mas que a história deles de vida na roda da capoeira e na roda da vida, era o principal, o que a gente precisava, e isso é uma marca fundamental na nossa história, é uma página, não tem como apagar.” **Danuzá**

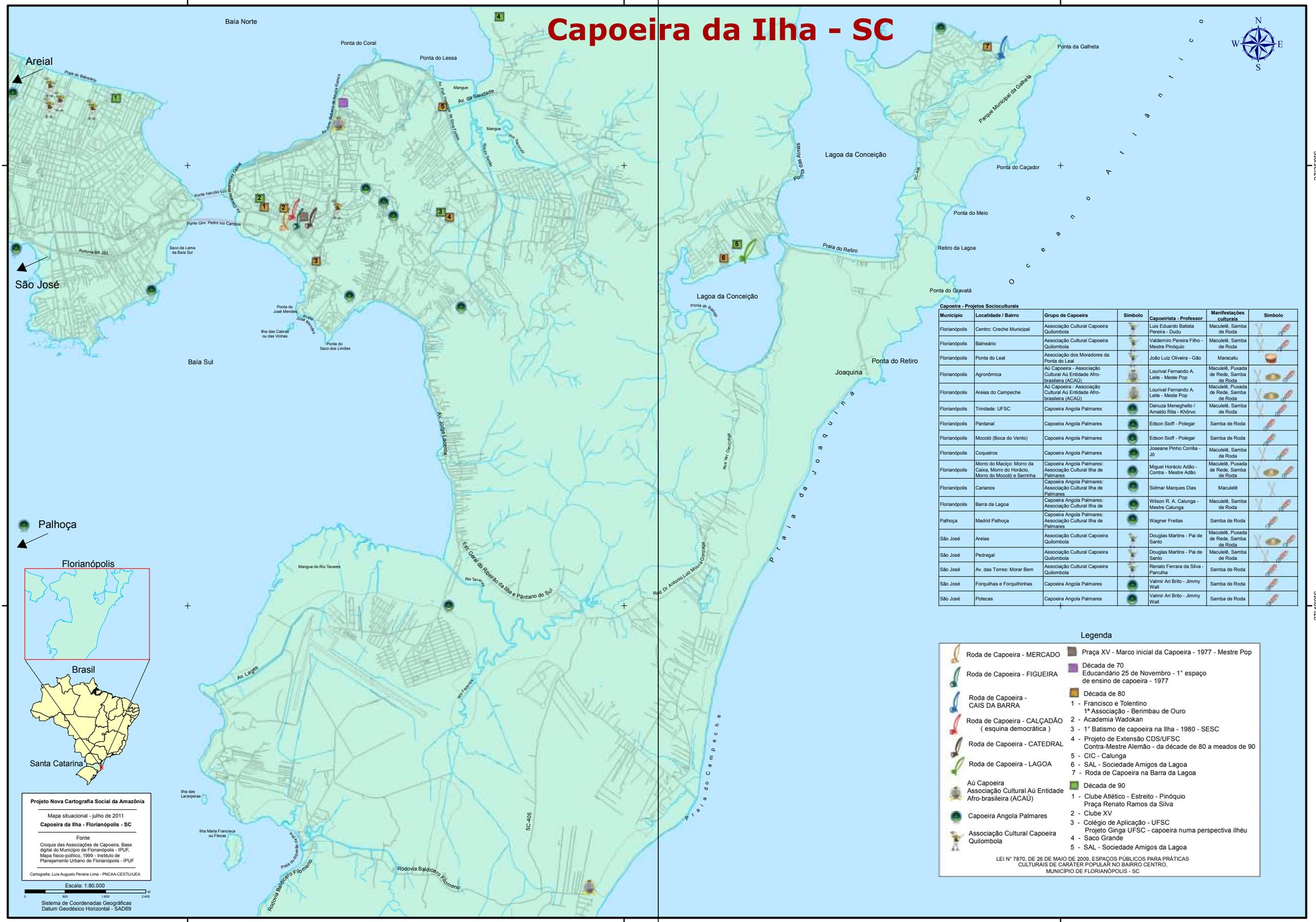
“A gente não teve mestres assim que todo tempo tivemos como ser influenciado, então a gente conheceu esses mestres com grande saber em termos de capoeira, respeito, educação, incomparáveis... E aí não teve outro mestre que influenciou com outro estilo de capoeira.” **Adão**. “(capoeira da ilha) É o estilo da pessoa, não é capoeira que te molda, não, é a pessoa que se adapta à capoeira, essa é a questão. A nossa aqui, por exemplo, nosso estilo é o estilo de Florianópolis, é o jeito de Florianópolis de cantar, é o jeito de Florianópolis de andar, é o jeito de Florianópolis de levar as coisas, de ter essa tranquilidade, bem típico daqui, da região,



3º Batismo de Capoeira Palmares Sul do Contra – Mestre Alemão. 1990. Lona Azul Aterro da Baía Sul, Centro

ARQUIVO ALEMÃO

Capoeira da Ilha - SC



Município	Localidade / Bairro	Grupo de Capoeira	Símbolo	Capoeirista - Professor	Manifestações culturais	Símbolo
Florianópolis	Centro: Creche Municipal	Associação Cultural Capoeira Quilombola		Luis Eduardo Batista Pereira - Dudu	Maculelê, Samba de Roda	
Florianópolis	Balneário	Associação Cultural Capoeira Quilombola		Valdemiro Pereira Filho - Mestre Pinóquio	Maculelê, Samba de Roda	
Florianópolis	Ponta do Leal	Associação dos Moradores da Ponta do Leal		João Luiz Oliveira - Gão	Maracatu	
Florianópolis	Agronômica	Aú Capoeira - Associação Cultural Aú Entidade Afro-brasileira (ACAU)		Lourival Fernando A Leite - Mestre Pop	Maculelê, Puxada de Rede, Samba de Roda	
Florianópolis	Areias do Campeche	Aú Capoeira - Associação Cultural Aú Entidade Afro-brasileira (ACAU)		Lourival Fernando A Leite - Mestre Pop	Maculelê, Puxada de Rede, Samba de Roda	
Florianópolis	Trindade: UFSC	Capoeira Angola Palmares		Daruza Meneghelo / Arnaldo Rita - Khirvo	Maculelê, Samba de Roda	
Florianópolis	Pantanal	Capoeira Angola Palmares		Edson Sioff - Polegar	Samba de Roda	
Florianópolis	Mocotó (Boca do Vento)	Capoeira Angola Palmares		Edson Sioff - Polegar	Samba de Roda	
Florianópolis	Coqueiros	Capoeira Angola Palmares		Joseane Pinho Corrêa - Jô	Maculelê, Samba de Roda	
Florianópolis	Morro do Maciço: Morro da Caixa, Morro do Horário, Morro do Mocotó e Serrinha	Capoeira Angola Palmares: Associação Cultural Ilha de Palmares		Miguel Horário Adão - Contra - Mestre Adão	Maculelê, Puxada de Rede, Samba de Roda	
Florianópolis	Carianos	Capoeira Angola Palmares: Associação Cultural Ilha de Palmares		Sidmar Marques Dias	Maculelê	
Florianópolis	Barra da Lagoa	Capoeira Angola Palmares: Associação Cultural Ilha de Palmares		Wilson R. A. Calunga - Mestre Calunga	Maculelê, Samba de Roda	
Palhoça	Madrid Palhoça	Capoeira Angola Palmares: Associação Cultural Ilha de Palmares		Wagner Freitas	Samba de Roda	
São José	Areias	Associação Cultural Capoeira Quilombola		Douglas Martins - Pai de Santo	Maculelê, Puxada de Rede, Samba de Roda	
São José	Pedregal	Associação Cultural Capoeira Quilombola		Douglas Martins - Pai de Santo	Maculelê, Samba de Roda	
São José	Av. das Torres: Morar Bem	Associação Cultural Capoeira Quilombola		Renato Ferraz da Silva - Parutuba	Samba de Roda	
São José	Forquilhas e Forquilha	Capoeira Angola Palmares		Valmir Ari Brito - Jimmy Wall	Samba de Roda	
São José	Potecas	Capoeira Angola Palmares		Valmir Ari Brito - Jimmy Wall	Samba de Roda	

Legenda

- Roda de Capoeira - MERCADO
- Roda de Capoeira - FIGUEIRA
- Roda de Capoeira - CAIS DA BARRA
- Roda de Capoeira - CALÇADÃO (esquina democrática)
- Roda de Capoeira - CATEDRAL
- Roda de Capoeira - LAGOA
- Aú Capoeira Associação Cultural Aú Entidade Afro-brasileira (ACAU)
- Capoeira Angola Palmares
- Associação Cultural Capoeira Quilombola
- Praça XV - Marco inicial da Capoeira - 1977 - Mestre Pop
- Década de 70 Educandário 25 de Novembro - 1º espaço de ensino de capoeira - 1977
- Década de 80
1 - Francisco e Tolentino
1ª Associação - Berimbau de Ouro
2 - Academia Wadokan
3 - 1º Batismo de capoeira na Ilha - 1980 - SESC
4 - Projeto de Extensão CDS/UFSC Contra-Mestre Alemão - da década de 80 a meados de 90
5 - CIC - Calunga
6 - SAL - Sociedade Amigos da Lagoa
7 - Roda de Capoeira na Barra da Lagoa
- Década de 90
1 - Clube Atlético - Estreito - Pinóquio Praça Renato Ramos da Silva
2 - Clube XV
3 - Colégio de Aplicação - UFSC Projeto Ginga UFSC - capoeira numa perspectiva ilhéu
4 - Saco Grande
5 - SAL - Sociedade Amigos da Lagoa

LEI Nº 7870, DE 26 DE MAIO DE 2009. ESPAÇOS PÚBLICOS PARA PRÁTICAS CULTURAIS DE CARÁTER POPULAR NO BAIRRO CENTRO, MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS - SC



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Mapa situacional - julho de 2011
Capoeira da Ilha - Florianópolis - SC
 Fonte
 Croqui das Associações de Capoeira, Base digital do Município de Florianópolis - IPUF, Mapa físico-político, 1999 - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF
 Cartografia: Luis Augusto Pereira Lima - PNCAA-CEST/UEA
 Escala: 1:80.000
 Sistema de Coordenadas Geográficas Datum Geodésico Horizontal - SAD69

cultural daqui entendeu? A gente teve a influência da nossa cultura aqui, que eu digo nossa porque eu já me considero daqui... A cultura do pescador, da rendeira (...). Eu não tô dizendo no sentido da aplicação dela, mas sim do jeito de você se expressar com ela... A ginga, ela tem um jeito do Mestre Nô, mas cada um ginga de um jeito, ela tem um temperinho do Mestre Nô, um temperinho do Mestre Pop, mas cada um tem o seu tempero, é mais ou menos isso, não é padronizada, não é rotulada." **Calunga**

"Mas não se esquecendo também que a gente traz todos os fundamentos, da roda da formação, do ritmo, dos instrumentos, da ladainha, do canto." **Adão**

"A identidade cultural dessa capoeira é que vem lá dos ancestrais mesmo, é isso que a gente não perde e que mantém vivo. Mantém vivo a coisa da luta, de não esquecer jamais das desigualdades, discriminações, preconceitos, diferenças, mostrar que a liberdade não pode ser roubada. Quem disse que as pessoas não são livres? (...) Isso mostra que a identidade, que encontra-se nesse grupo, nesse movimento, é que existe uma roda que é aberta, a capoeira é na rua, acontece na rua na forma de uma roda, uma roda aberta, aberta pro mundo, onde as pessoas podem interagir com o que tá acontecendo ali, as pessoas que assistem, o velhinho que passa, um bêbado ali circulando. Então não é uma coisa fechada pro mundo, é uma coisa que faz parte do mundo, interage com o mundo, mas ao mesmo tempo não perde o rigor e a qualidade, pelo contrário, preza por isso, tocar bem, saber a linguagem que tá circulando ali, saber entrar e sair, jogar com a malícia... valoriza isso. Não é uma coisa qualquer aberta, espontaneísta, é uma coisa que tem sua qualidade, tem sua consistência ali, decorrente de muito trabalho. E o que é isso? Isso é história... O tempo é presença, é carne, é história, a gente não pode desconsiderar a história de cada um e de todos, interagindo e se reinventando..." **Bagé**

"Outra coisa que na capoeira acontece muito, é a questão do grupo... Claro que a pessoa do mestre é importante, o mestre do grupo, mas acho que a identidade legal aqui da ilha é que a gente bota a capoeira em primeiro plano e não os grupos (...). Quando o grupo é mais importante do que a capoeira vai perdendo a identidade." **Jô**

"Por exemplo, ser capoeirista é a gente ter a capacidade de ganhar o jacaré dentro d'água (...) Quês ganhar o cara, seja um camaleão, te molda àquilo e quero ver se tu és bom mesmo, isso é ser capoeirista, ter a capacidade de se moldar, sem perder a identidade." **Pinóquio**



*Roda da Lagoa da Conceição, 1988.
Da esquerda para direita: Valdir Axé, Mestres Bobó, Ferreirinha,
João Pequeno, Nô e Curió. No jogo, Mestres Boa Gente e Braulino*

FOTO JÚLIO CAVALHEIRO

A roda de rua

"A capoeira é do povo, todos os grupos de capoeira deviam ter obrigação de fazer roda, de devolver essa capoeira pro povo, é uma forma de estimular essas pessoas ir fazer a capoeira." **Adão**

Para além dos fatos, visão de um capoeira da ilha: Mestre Pinóquio

A capoeira e os capoeiristas até 1930 estavam nas favelas, nos guetos, no cais, nos armazéns, nas festas populares, nas feiras, com sua natureza combativa, irreverente. Não havia escolas, aprendia-se no dia a dia (oitiva), nas rodas, nas feiras. Era coisa de vagabundos, marginais, negros, era assim que nos rotulavam. Os capoeiristas eram todos de uma mesma classe, classe inferior. Cada qual com seu jeito ou estilo próprio de expressar fisicamente suas amarguras ou alegrias, porém com os mesmos objetivos culturais mesmo que inconscientes, que era ser e existir com dignidade. Promoveram fortes conflitos com a polícia, desencadeando uma verdadeira guerra à sociedade dos da primeira classe. O que era considerado pelos poderosos bagunça, desordem, carnificinas, para os capoeiristas era nada mais do que reivindicação dos direitos básicos. Era o nosso sindicato. Por isso tentaram aniquilar os capoeiristas com prisões, assassinatos, leis federais, deportações, aliciações. Como fazem nos dias de hoje, com os que ousam liderar qualquer movimento que vá de encontro aos interesses dos poderosos, são assassinados, comprados ou desmoralizados. Os capoeiristas estavam apavorando a sociedade branca. Justamente por terem espírito combativo, resistente, que não se intimidavam, nem se vergavam diante do sistema. E a capoeira continuou combatendo, reivindicando, revivendo, porém dissimulada, com sua identidade avessa, marginal, temida, respeitada. Os poderosos na tentativa de suprimir a capoeira e os capoeiristas, passaram a conhecer o poder combativo e resistente dos mesmos. Não tendo êxito com pancadas e assassinatos, gerando sempre mais revolta e revide, mudaram a tática de combate a capoeira. Infiltraram-se, nos adotaram, e com a falsidade de sempre, de que iriam nos incluir, nos respeitar, simplesmente nos amansaram, enfraquecendo os ideais da luta cultural, e quase nos matam o espírito. Essa adoção da capoeira pelo governo teve início na época em que Getúlio Vargas foi o ditador do Brasil, na década de 30. Sabemos que os políticos, na sua maioria, representam os poderosos, e tudo que fazem é pura e simplesmente para se manterem no poder, e darem continuidade ao covarde projeto de seus antepassados, que é comer sem trabalhar. No momento em que nossos reais inimigos nos adotaram, o conflito que era declarado entre as elites e os da classe inferior, que antes invadiam, pilhavam os candomblés, reprimiam os capoeiristas, na tentativa de suprimir toda cultura afro, ficou mascarado. Aparentemente não havia mais conflito, a capoeira passaria a ser esporte nacional, passando a ser consumida pelos opressores e seus filhos. Sendo a capoeira um embate a eles mesmos, jamais poderiam compreender a fundo o que representa a capoeira para os que viviam da miséria. Só a compreende realmente quem sofre na pele, que não era o seu caso. Tanto é verdade que Jair Moura, escritor e capoeirista, um dos poucos que o Mestre Bimba graduou, diz que "a capoeira antes de Bimba era instrumento de ataque e defesa manejado principalmente (na Bahia) por desordeiros indisciplinados das camadas mais humildes da população, e que a maior contribuição de Bimba foi transformar a capoeira num esporte que granjeou muitos adeptos, além da criação de uma verdadeira metodologia para o aprendizado da luta dos negros, tornando-a um verdadeiro curso de educação física". Verdadeiro absurdo, Jair Moura desvaloriza toda capoeira antes da adoção pelo governo, não percebe a face de resistência cultural, julgando-os simplesmente de desordeiros. Não foi Bimba quem tirou a capoeira da "margem", e sim o Governo para suas conveniências. Não estou culpando-os, tinham outros valores, comiam, estudavam, viajavam, iam ao teatro, eram educados à leitura etc... Muitos, até acreditado que se sensibilizavam com tamanha desigualdade, mas muito longe de compreenderem de fato tal contraste, a miséria, a falta de assistência médica, falta de escolas, moradias decentes, saneamento básico... enfim exclusão total. O que me entristece é saber que muitos da classe inferior, que conseguiram com muito esforço e sacrifício estudarem, quebrando a regra da ignorância, foram absorvidos totalmente pelo sistema, cheios de títulos, trabalham para distanciar cada vez mais a capoeira de seu objetivo, transformando-a em simples atividade esportiva. Deturparam o trabalho do Mestre Bimba, que foi o escolhido para servir de modelo referência para todo esse processo de descaracterização dos reais objetivos culturais da capoeira. Mestre Bimba foi um grande lutador, que quando foi chamado para ir ao Palácio do Governo da Bahia, não tinha dúvida de que iria ser preso. A capoeira até então era "coisa" de malandro (da perspectiva da elite) e uma ameaça aos bons costumes. Sendo o Mestre negro, ogan, capoeirista, militante do partido comunista, não restavam dúvidas quanto sua prisão. Mas foi surpreendido pelo Interventor Geral da República, convidando-o para exibir sua capoeira aos "ilustres convidados". Em 1937 então, Mestre Bimba foi autorizado pelo Governo a ensinar a capoeira em recintos fechados, tirando-a da "marginalidade". Não é de estranhar tanta flexibilização por parte do Governo? Com certeza fizeram exigências, resultando em uma nova tradição para capoeira, tradição essa que não associasse para nova modalidade o caráter marginal da então capoeira que era jogada e ensinada inclusive pelo próprio Mestre Bimba antes de toda essa falsa abertura pelo Governo. Mestre Bimba foi e sempre será para nós um grande capoeirista, mas para as elites não passou de inocente útil aos seus interesses. A capoeira saiu dos guetos... mas os capoeiristas permanecem a margem, os nossos velhos Mestres continuam marginalizados, tanto é verdade que depois de usado, Mestre Bimba foi descartado e esquecido pelo Governo, vindo a morrer na miséria como todos de sua classe. A classe média passou a consumir a capoeira enxertando seus valores, que não eram os valores dos que estavam nas favelas e promoveram a capoeira versão burguesa mundo a fora. Esse é o modelo de capoeira que ganhou espaço, visibilidade e apoio em detrimento a capoeira cultural dos resistentes velhos mestres. A capoeira adentrou a sociedade, porém sem espírito, totalmente desprovida de suas raízes, sem identidade, sem causa, sem ideais. Essa abertura do Governo à capoeira não foi conquista dos capoeiristas, se fosse realmente nossa conquista, a capoeira não precisaria ser remodelada para o consumo das classes abastadas, perdendo totalmente a identidade. A escravidão está em todos os lugares, mascarada de muitas formas, sendo promovida por capitães do mato vestidos, muitos deles de mestres de capoeira... 'abre o zoio siri di mangue'. Salve a liberdade... viva Zumbi. Em causa estão as atitudes, não as pessoas!



Roda da Figueira, jan 2008.
No jogo Mestre Pinóquio
e Polegar

FOTO FÁBIO EDUARDO



Roda da Barra da Lagoa,
1992. Calunga, Gerry e
Adão tocando berimbau

FOTO ERIKA NAKAZONO

“Acho também uma diferença bastante grande de quem é capoeirista, é quem se aventura a jogar nas rodas de rua. Quem vivencia a capoeira na rua tem outra visão da capoeira.” Jô

“Acho que a roda de rua, ela é um espaço mais democrático (...). Houve um passado aqui bem recente em que havia muito confronto (...). Eventualmente até acontece, um confronto ou outro, mas isso não tá demarcado como objetivo primordial... Não existe isso... O que é muito bom, as pessoas vão e permanecem, e as rodas elas passam a existir, a Roda do Mercado que, hoje, ela se configura também como a roda tradicional da ilha.” Pop

“O objetivo é a rua... Como na nossa vertente a capoeira é depois do portão, é pra rua, então como a gente vê a vida em sucessão de rodas, a gente tá sempre jogando, dirigindo, andando, enfim (...). Em particular a roda da capoeira me dá sabedoria, malandragem, me dá visão, pra eu poder viver nas outras rodas. (...) A gente elucida pra rua, pra vida, a capoeira é pro cara andar sozinho... Isso é capoeira, é malandragem... O capoeirista, ele tem certos jeitos e trejeitos que são particulares. (...) Quando vem outras pessoas de outras vertentes nas nossas rodas, a roda é de rua, não é uma roda na rua, a diferença é que a gente faz uma roda pra cobras e lagartos, entendes?” Pinóquio

“...Fôrma pra qualquer pé.” Jimmy Wall

“Às vezes, o que acontece nessas rodas de rua? O próprio mestre coloca mais medo, muitos professores dizem assim, pô, mas na rua que é perigoso (...). Então muitos capoeiristas quando vão pra rua, aí é culpa dos próprios mestres deles, dos formados... Coloca pros alunos deles como na roda que tá o perigo, só que ele se esquece que quando ele coloca medo na roda, ele tá colocando o medo no dia a dia, na vida. Então esse cara vai ter muito medo também no dia a dia na verdade, porque não passa da extrema da rua, então esse cara ele só tá seguro fechado, no quarto. Aí é que tá o perigo... Pra rever esse processo é muito difícil.” Adão

Lei Municipal 7870 de 26 de maio de 2009

“A Lei Municipal 7870 foi uma conquista dos capoeiras, porque encaminhamos (Quilombola, Palmares, ABADÁ e Aú) este projeto para a Câmara, através do Vereador Marcio de Souza. Esta lei já está beneficiando não só a capoeira mas também outros artistas populares. Temos agora uma lei que nos assegura a produzir cultura no Mercado Público, na Figueira da Praça XV de Novembro, na Esquina Democrática (Calçadão) e no Largo da Catedral.”
Central de Capoeira

Central Catarinense de Capoeira Angola

“A Central Catarinense de Capoeira Angola é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 29 de julho de 1998 na Ilha de Santa Catarina. Foi criada para apoiar as iniciativas, ações e eventos de associações e



FOTO ERIKA NAKAZONO

Oficina de Mapa: 4º encontro, out 2009



FOTO JÔ CAPOEIRA

Roda do Mercado, mar 2008. No jogo Dudu e Biel

grupos que cultivam a Capoeira Angola. Seu objetivo principal é organizar, incentivar e preservar o caráter cultural e artístico da Capoeira Angola, ressaltando seu valor histórico. Somos um grupo de pessoas que deseja realizar eventos significativos à Capoeira, principalmente os que buscam politizar e capacitar os capoeiristas. A iniciativa de organizar a Central foi dos Grupos Palmares e Quilombola.”
Central de Capoeira

Por que Cartografia Social?

“A cartografia, bom para isso, pra registrar. O bom da cartografia é que são várias falas... Isso que é legal, é a nossa fala que vai tá ali, não é alguém que vai tá fazendo o recorte ali, é a nossa cara, eu disse isso, eu disse aquilo (...) O que eu vejo que pra essa cartografia o fundamental é mostrar as rodas de rua, porque capoeira, ela veio das ruas para as academias, então é fundamental mostrar as rodas... Porque a cultura popular ela tá na rua, é importante que a gente mantenha e prestigie essas rodas. (...) Então a rua é onde o capoeirista vai aprender a capoeira.” Jimmy Wall

Preconceito – “A Capoeira não é vista como parte da cultura. É por isso que ela é discriminada. Porque é vista como, é coisa de negão, e se é de negão não presta, isso nós temos muito arraigado na nossa sociedade.” Jimmy Wall

Ladainha: não é luta do patrão

Capoeira, que nasceu pra dizer não... todo tipo de opressão, injustiça e escravidão.

Coro: A capoeira não é luta do patrão

Se liga moço, presta atenção... a capoeira não é luta do patrão,

Herança nobre, legado da escravidão... era luta de oprimidos e excluídos da nação.

Hoje é desporto de regra e competição... eu não concordo com toda essa inversão, se liga moço, presta atenção... a capoeira tá no jogo do patrão...(coro).

Não temos escola, nem dentista, educação... a escravidão hoje é feita sem grilhão... nos dão a margem e muita televisão, se liga moço, presta atenção... (coro).

A regional não é isso não é não... eu não concordo com tanta deturpação... Mestre Bimba não dava mataleão, nem dava murro em roda de vadição... nas emboscadas ensinou jogar facão... mas ensinava o respeito e tradição, se liga moço, presta atenção... (coro).

Cuidado moço, não entregue ao vilão... nossa cultura forjada na escravidão.

Se liga moço, presta atenção... a capoeira não é luta do patrão. Mestre Pinóquio

Projeto Nova Cartograa Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná
- 2 Fundos de Pasto *Nosso Jeito de Viver no Sertão* Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais *Mostrando sua Cara, Vez e Voz*, Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas Pernambuco
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 8 Quilombolas de Linharinho Espírito Santo
- 9 Cipozeiros de Garuva Floresta Atlântica, Santa Catarina
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia, Mato Grosso
- 11 Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão – Paraná
- 12 Comunidade de Pescadores de Caravelas Sul da Bahia
- 13 Expressões culturais e ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha – Vitória, Espírito Santo
- 14 Ribeirinhos e Artesãos de Sumaúma e Xixuaú – Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 15 Ilhéus do Rio Paraná – atingidos pelo Parque Nacional da Ilha Grande e APA Federal, Paraná
- 16 Pescadores a Vila de Superagui – Guaraqueçaba, Paraná
- 17 Movimento em defesa da Costa da Lagoa: pescadores e pescadoras artesanais – referências culturais da Costa da Lagoa – Florianópolis, Santa Catarina
- 18 Capoeira da Ilha – Florianópolis, Santa Catarina
- 19 Quilombolas do Morro do Boi – Santa Catarina



REALIZAÇÃO

Central Catarinense de Capoeira
Angola

APOIO



UFAM
PPGAS



NÚCLEO
DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO
E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA UFSC/CEM

Florianópolis